

## **Anistiado político: LUIZ JOSÉ DO REGO DA CUNHA LIMA (LULA)**

**Data de nascimento: 13/08/1950**

Somos de uma família de imigrantes nordestinos que veio no embalo da construção da Capital Brasília. Somos sete irmãos.

No início da década de 60, meu irmão mais velho de certa forma trouxe para o convívio familiar, através do contato que ele tinha com o mundo estudantil, amigos e através do seu próprio autoaperfeiçoamento intelectual, contato com as ideias chamadas de esquerda, ideias socialistas, ideias libertárias. De forma que isso, até o período do Golpe de Estado, no início de 1964 e através de amizades que ele tinha, através das campanhas de alfabetização, dos movimentos culturais e outras amizades aqui em Goiânia quando por aqui aportamos, no fim de 1959. Foi nos sensibilizando, acho que não só a mim, mas a todos meus irmãos e irmãs, para as ideias, diríamos, humanitárias, devido até a formação cristã com raízes populares em Recife, oriundas da minha mãe, principalmente. Fomos sendo influenciados, contaminados, nos foi colocado na pauta do dia-a-dia a questão social, a questão da justiça social, a questão de um mundo mais igual, mais bonito, de forma que acredito essas terem sido as primeiras influências. Não foram influências de eu ainda adolescente, de leitura.

E essa época, entre os doze, treze anos, quando passava da puberdade para a adolescência, me abrindo para o mundo, me abrindo para o universo de todas as coisas que inclusive também estavam ocorrendo no mundo, foi a época do assassinato de Kennedy, da crise das armas nucleares em Cuba, da Guerra do Congo, do início da Guerra do Vietnã; logo após a Revolução Cubana e de uma série de acontecimentos que no início da década de 60 sacudiram o mundo. De forma que, dentro desse contexto, passamos a ser cada vez mais simpáticos a ideias que considerávamos progressistas e humanitárias naquele momento. Ideias que anunciavam um mundo mais bonito, mais justo, um mundo em que as pessoas fossem plenamente realizadas em todos os sentidos.

## **O GOLPE**

Eu me lembro do dia 31 de março. Lembro-me sempre que morávamos em um bairro naquela época distante do centro. Sempre íamos para casa de carona com meu pai, e nesse 31 de março ele passou na casa de um amigo que tinha servido na FEB. Esse amigo comentou alguma coisa sobre a movimentação de tropas que já se anunciava em Minas Gerais e que o Golpe realmente seria entre essas duas datas, 31 de março e 1º de abril.

Já sentimos um burburinho nesse dia. Apesar de naquela época a mídia ser mais devagar, mais lenta com as notícias, logo chegou a Goiânia o burburinho de que havia movimentações de tropas em Minas Gerais se dirigindo para o Rio, com o General Mourão, preparando-se para aquilo que resultaria no Golpe Militar de 1964.

Lembro-me vagamente que passamos na casa desse amigo do meu pai, que ficava em uma viela na Araguaia, e ele comentou alguma coisa, porque as pessoas buscavam informação

naquela época através de outra pessoa que estivesse sabendo de algo que estivesse realmente ocorrendo.

Isso fez com que acordássemos no dia 1º já com os fatos se concretizando. O que veio resultar na deposição do Presidente João Goulart, que naquele momento não se encontrava em Brasília, se encontrava no Rio de Janeiro, no Palácio do Rio Negro, em Petrópolis, se não me engano.

O Golpe aconteceu. Aconteceu sem resistência, ou com pouca resistência, em termos de todo o Brasil. Houve uma, ou outra resistência localizada, quase que de caráter simbólico. Não houve nenhum segmento, nenhuma fração da sociedade que realmente resistisse à avalanche do Golpe Militar, substanciado com o apoio de quase todos os comandos militares no Brasil, com exceção de um ou outro que ficou meio na corda bamba.

## **O MOVIMENTO ESTUDANTIL**

Eu era estudante secundarista. Estudava no Ginásio Emmanuel, onde tive uma formação quase que doutrinária. Nessa época eu era católico e curiosamente também o catolicismo nessa época estava vivendo o abalo trazido por João XXIII com a encíclica, que pregava o ecumenismo.

Nessa época, ainda estudando no Emmanuel, incorporei de certa forma os ensinamentos da doutrina de Alan Kardec, o espiritismo propriamente. Lá cultivei algumas amizades que mais tarde também estavam no movimento estudantil, ou naquela época estiveram no movimento estudantil de uma forma orgânica. Estavam ligados a algum partido ou a algum segmento. Havia como que um movimento estudantil no Emmanuel, já naquela ocasião. Passei a estudar no Lyceu já no ano de 1965.

Depois do Golpe de 64, no universo das amizades, passei a conviver com dois companheiros que já militavam na juventude de um partido clandestino. Um partido de esquerda que era uma dissidência do tronco do glorioso Partido Comunista Brasileiro, o PC do B de João Amazonas.

Havia uma militância de reuniões, de estudos políticos, algumas ações de pichações, distribuição de folhetos, de manifestos. Enfim, um setor de propaganda dentro do movimento estudantil, porque éramos secundaristas do Lyceu, já naquela ocasião.

Dentro desse campo de influência de família, o meu irmão Paulo Roberto, um ano mais velho que eu, também tinha um conjunto de amizades, um conjunto de influências políticas-ideológicas ligadas ao segmento da Ação Popular. Curiosamente éramos irmãos. Enquanto ele estava ligado a AP, eu tinha outra vivência, a influência do Partido Comunista do Brasil. Muito curioso, até que mais tarde a AP – Ação Popular – veio, de certa forma, a incorporar o Partido Comunista do Brasil. Naquela época o Partido Comunista do Brasil teve um “quiproquó”, salvo engano, aqui em Goiás, onde me parece foram presas algumas de suas lideranças em uma ação da repressão.

Para mim é um contexto um pouco nebuloso, mas éramos companheiros, eu, Félix e o Laerte. Conheci o Félix através do meu irmão Roberto; e o Laerte de uma forma bem direta, porque

ele tornou-se vizinho nosso de bairro, com a distância de um quarteirão. Ele morava há uns 400 metros de onde morávamos.

Nossa vivência de adolescente, curiosamente foi uma vivência política. Nossa diversão e nossos interesses eram voltados para o que estava acontecendo no plano internacional e nacional. As perspectivas políticas, o movimento político, o movimento estudantil, as formas de atuação, de resistência que tínhamos que ter contra a ditadura recém-instalada no país. Foi dentro desse campo que fomos tendo uma educação de formação política. Já fazíamos as primeiras leituras, algumas reflexões, grupos de estudos, e a militância dentro do PC do B até o ano de 1966, salvo engano, que foi o ano que aconteceu um deblaque dentro do PC do B. Houve uma desarticulação e essa célula da juventude do PC do B ficou meio que no ar, dispersa; e meus companheiros, principalmente o Laerte e o Felix que eram de uma convivência mais íntima e estreita, nesse período vieram a se incorporar lentamente, um depois o outro, no Partido Comunista Brasileiro. Passamos curiosamente do PC do B, naquela ocasião, para as bases da juventude do PCB.

O PC do B era uma dissidência que veio com João Amazonas e tinha outra filiação no plano internacional. Era uma linha chinesa, uma linha que criticava e até combatia a linha que eles consideravam ortodoxa, a linha tradicional do Partido Comunista Brasileiro.

Fizemos essa transferência de plano de um partido comunista para outro partido comunista, mas no plano da convivência era uma convivência dentro do segmento do movimento estudantil. Tínhamos também uma vida de estudantes, estávamos fazendo 1º, 2º, 3º ano ginasial na época, no Lyceu de Goiânia.

Havia o Grêmio Literário, onde era o espaço de atuação. Então vivíamos muito mais na sala do Grêmio do que na sala de aula propriamente. A sala do Grêmio era uma sala de formação e informação. Lembro-me bem que na época gostávamos de colocar o som para “bombar” no Grêmio, com as músicas dos Beatles. O Grêmio Literário Felix de Bulhões era um vetor de informação. Lá também fizemos o cineclubes.

Era a época dos festivais, então o Brasil também vivia uma época de uma “explosão” muito grande. Tivemos o Tropicalismo, o surgimento do movimento hippie em um contexto internacional. Nos Estados Unidos, o movimento Black Power. Hoje estamos vivendo a época de Barack Obama, mas naquela época estávamos vivendo o movimento Black Power com Ângela Davis, Malcolm X, entre outros. Foi a época do assassinato do Pastor Martin Luther King e grandes combates na Guerra do Vietnã. Roberto Kennedy, o surgimento dos Beatles, do movimento feminista, da pílula anticoncepcional e da minissaia, são coisas que configuraram o ano de 1968, que foi um ano realmente muito especial. Dizem que foi o ano em que a juventude tentou tomar o Céu de assalto e era verdade. Havia como que uma projeção de força e de energia para a materialização do sonho. Havia como que uma vontade realmente de toda juventude de que naquela época o mundo fosse uma coisa diferente, radicalmente diferente.

Foi um ano realmente muito importante. Ano em que toda essa trajetória do Lyceu culminou, através de marchas e contramarchas que eram configuradas nas mobilizações de greve no Lyceu e passeatas, principalmente. Esse era o tipo de luta que era desenvolvida dentro do movimento estudantil entre 1964 e 1968.

Tenho um fato que não tenho precisão de data, nem mesmo precisão de nomes, mas foi um fato que muito me marcou nessa trajetória do Lyceu. Foi uma disputa que hoje vindo de uma forma retroativa, acho que foi curiosamente muito democrática, uma disputa que houve dos segmentos que atuavam dentro no movimento estudantil, em ralação a conquista do Grêmio Literário Felix de Bulhões. Disputaram o segmento que representava a juventude do PCB e o segmento que representava a juventude da AP. Não me lembro de tudo absolutamente. Inclusive não me lembro de quem veio a ganhar a direção do Grêmio. Porém, o clima que houve de disputa e depois de contabilidade dos votos atravessando a madrugada, porque era eleição direta com todos os estudantes que escolheriam qual a direção seria eleita, ficou gravado em mim como um instante muito mágico, muito curioso da dinâmica do movimento naquele período, pois realmente tratavam-se de adolescentes, mas que curiosamente já representavam coisas muito sérias, posturas de alguma envergadura institucional.

O Grêmio representava um plano político em que a disputa era encarada com muita força e muita seriedade, dentro de uma proposta política filosófica, olhando para trás, hoje bastante madura.

Lembro-me que o Lyceu foi cercado uma ou duas vezes, principalmente no ano de 1968, onde o conflito se intensificou entre o movimento estudantil e as forças de repressão da Ditadura Militar.

O Lyceu foi palco de acontecimentos muito intensos, muito vibrantes. Houve várias greves, fora as greves folclóricas como a greve do Vulcabras, que foi uma greve que respondeu à obrigatoriedade do uso do Vulcabras dentro do uniforme do Lyceu. O Vulcabras era um tipo de sapato que tinha uma média popularidade no mercado como um bom sapato. Além da calça caqui e da camisa branca, foi estendido ainda um determinado tipo de sapato. Naquela época em que essas forças libertárias do pensamento que resultaram em 68 já estavam emergindo, aquilo deve ter sido visto na época como uma caretece. Foi uma greve vitoriosa, o Vulcabras teve que ser recuado. Os grevistas ganharam a causa.

Essa greve foi um fato curioso, mas acho que não atingiu um nível de repressão das forças policiais. As forças policiais atuaram mais no momento em que alguns dos movimentos de rua tinham como refúgio, ou zona de início de partida, o Lyceu de Goiânia, na Rua 21. Eram mais nesses momentos que o Lyceu era atingido pelas forças policiais. Era cercado e às vezes acontecia de não só jogarem bomba de lacrimogêneo, como bater com cassetetes em pessoas que tentavam fugir e em pessoas que tentavam entrar. Soldados que adentravam até a zona dos corredores e nos prendia dentro do Lyceu. A repressão ia quase que dentro do coração da escola para buscar os líderes, aqueles que eles consideravam ativistas.

Sinto que na lembrança houve momentos dramáticos, mas não me lembro exatamente de uma prisão. Ouço falar que houve prisões em volta do campo do Lyceu, naquelas ruas adjacentes e me parece que também no pátio.

Não só em Goiânia, mas acho que em todo o Brasil, temos que fazer justiça a esse segmento (movimento estudantil) dentro da história. Segmento que por uma ironia talvez, entre 1964 e 1968, foi o que mais resistiu à ditadura. Onde houve as passeatas, as manifestações, onde houve qualquer tipo de resistência mais consequente que pudesse vir a desdobrar em uma reversão do processo autoritário que se instalava, foi o movimento estudantil.

Claro que houve greves operárias, movimentos camponeses, houve a tentativa das guerrilhas em Caparaó. Não sei bem, saiu no jornal como uma coisa curiosa. Não tínhamos informação sobre isso. Uma coisa ligada a Leonel Brizola, uma coisa que veio do Sul do país numa tentativa de um foco de guerrilha já naquela época, que foi desbaratada e não teve maiores consequências. Não me lembro bem e nem fui muito ligado a essa história.

Acho que minha atuação vem um pouco ligada ao aspecto da atuação artístico-cultural. Porque antes do movimento estudantil ou no período do movimento estudantil, fiz também uma peça de teatro aqui em Goiânia, que era “Mortos Sem Sepultura” de Jean-Paul Sartre. Sempre gostei muito de falar poemas, me expressar em público nesse campo; teatro, poesia.

Havia também a questão da oratória, quem ia se manifestar, falar, no contexto da agitação da propaganda, essa parte da comunicação. Sempre tive uma voz um pouco mais grave e de um grande alcance. Naquela época não se usava muito o megafone, nem microfone, era no som direto. O megafone não tinha nem chegado.

Atuei várias vezes em comícios relâmpagos, comícios para convocação de passeatas, para anunciar uma passeata que viria ou fazer uma denúncia grave de uma prisão, de um sequestro, ou de alguma atrocidade da ditadura.

O comício relâmpago que ficou famoso naquela época, eram comícios que eram feitos rapidamente, em lugares estratégicos, para não se dar tempo ao esquema da repressão e poder sufocar a ação. Esses comícios aconteciam em vários pontos da cidade. Aconteciam em Campinas, no mercado, na Vila Nova, nas ruas, na Avenida Goiás, na Avenida Anhanguera e próximos a zona da escola. Havia vários companheiros que participavam dos comícios relâmpago, e eu era um dos que participava desses comícios, além das pichações que fazíamos, onde as palavras de ordem eram: abaixo a ditadura, abaixo ao Mec-Usaid, fora gorilas. Enfim, existiam diversos tipos de ações que realizávamos.

Meu nível de inserção no movimento aqui em Goiânia foi aumentando. Tornei-me conhecido porque falava poemas. Gostava muito daquela poesia: “Propriedade privada, anomalia pré-histórica. Qual a diferença há entre fundar ou assaltar um banco?” Falava esse e outros poemas do Brecht, que na época era um poeta muito reconhecido dentro do movimento estudantil e do movimento da cultura popular. Era a esquerda festiva, o porra louca, um pequeno burguês.

Acho que por parte dos amigos, dos companheiros, dos camaradas sempre houve o maior respeito, o maior carinho. Havia críticas sim, porque ninguém é perfeito e todo mundo tem suas limitações, inclusive os que criticam. Você às vezes era obrigado a receber uma crítica e a fazer uma autocrítica, mas acho que dentro do contexto afetivo havia como que uma admiração, um carinho e um reconhecimento pelo seu papel, pela sua iniciação, mesmo sendo um papel um pouco ligado à arte, à cultura. Naquela época éramos ligados até a perspectiva de fazer cinema, havia o Cinema Novo, Glauber Rocha. Gostava também de toda essa ideia que estava no ar. O cinema também era algo encantador, uma perspectiva, pois naquela época os recursos eram muito caros, mas a ideia de fazer cinema e tudo mais. Fora isso, também a atuação política dentro do plano estudantil, dos movimentos de rua, entre outros.

Acho que da parte da esquerda não havia choque. Muitas vezes era um pouco diferente, porque talvez trouxesse até algum traço pessoal, da minha forma de ser, mas acho que eu era

reconhecido com muito carinho. Acho que realmente chocava e talvez parecesse como muita ousadia às forças de repressão da ditadura, representada por alguns policiais federais e alguns generais ligados à segurança aqui em Goiás.

Contei uma boa parte das motivações mais reais, históricas e ligadas à biografia, mas há uma coisa de fundo filosófico que não falei e gostaria de falar.

Acho que o eixo das coisas é o amor. As pás que movem como se fossem hélices são duas, a bondade e a beleza. Essas coisas é que vão imprimindo ritmo, é que vão girando inclusive as utopias, os sonhos dentro da história.

Na época eu fazia tudo com muita pureza, com muita alegria. Eu não fazia com a intenção de suscitar nenhuma ira, ou constranger ninguém, ou ainda imprimir algum tipo de raiva. Nada disso, eu fazia tudo como se fosse a manifestação da alegria, da beleza. Colocava-me dentro da perspectiva daquilo que eu acreditava ser realmente o melhor. Eu estava de coração dentro da coisa e não tinha nenhuma intenção malévola com ninguém individualmente, ou mesmo especificamente com a ditadura no Brasil. Eu não tinha esse sentimento de revanche em relação a eles que deram um golpe, que na verdade eu era praticamente criança e não senti muito diretamente.

Sinto que era movido por outras coisas, de outra natureza, e acho que essas outras coisas criaram um campo de contraste muito grande naquela época. Digo não só com relação a mim, mas também com relação a alguns outros companheiros aqui na cidade. Por que de certa forma, Goiânia, temos que ver o contexto geográfico da população na época, era uma capital relativamente pequena. Então, uma pessoa que tivesse uma atuação muito grande passava a ser conhecida e reconhecida dentro da cidade toda, o que foi o meu caso. Além de carregar um exótico apelido, Lula.

Minha família era grande, meus outros irmãos tinham uma ligação com outro universo de pessoas e tudo era um emaranhado de grandes afeições, de vivências profundas e intensas. Então, talvez tenha acontecido o choque desses dois universos. Um universo que procurava uma coisa, que hoje falamos da utopia, mas que continua aí com uma perspectiva e acredito que continuará por muito tempo; e a perspectiva daqueles que estavam em nome de uma ameaça à democracia, do perigo do comunismo, estavam prendendo, reprimindo, torturando, desaparecendo. Muitas vezes, uma ou outra pessoa, e pode ter sido meu caso também, modéstia a parte, pode ter sido um caso dessa natureza. Desde cedo eu era alvejado pela repressão.

## **O PAPEL DA ARTE**

Poderia dar vários exemplos. Darei um bem direto. Acho que um grande aliado do movimento estudantil na época, que tinha uma relação de simbiose, era a Música Popular Brasileira.

Vivíamos também naquela época, a época dos festivais. Hoje mesmo comentei com um amigo sobre o papel que tiveram A banda, de Chico Buarque, em 1967 quando foi lançada. Geraldo Vandré com suas músicas de protesto, Edu Lobo com o Arrastão. Os festivais com o surgimento de Elis Regina, Nara Leão, os shows “Liberdade, liberdade”. Dentro de uma

mecânica, a música era uma espécie de correia, entre os indivíduos e a mobilização para a resistência à ditadura.

Acho que muitas músicas eram realmente engajadas, músicas que tinham o endereço certo, músicas conscientes. Vários autores de Música Popular Brasileira tinham também uma posição política avançada, de forma que o movimento estudantil e o movimento das artes em geral, o teatro, o cinema, e a pintura faziam esse papel de correia entre uma vanguarda, um segmento mais avançado da sociedade, e à resistência a ditadura.

## 1968

As marchas estudantis começaram com as setembradas em 1966. Aqui em Goiás, especificamente, houveram algumas greves e alguns movimentos também no ano de 1967, mas se não me engano não foram tão contundentes.

Porém, temos que nos lembrar de que o ano de 1968 abre logo no início, no final de março, com um assassinato durante uma manifestação no restaurante Calabouço no Rio de Janeiro, com a morte de Edson Luís. Sua morte foi naquela ocasião, vamos assim dizer, guardada a suas devidas equivalências, para nós mais ou menos como um “World Trade Center”. Era uma movimentação pacífica, mas como o Calabouço, para os olhos da ditadura, era um refúgio de subversivos, de pessoas que iam até lá pegar uma alimentação mais barata e articular politicamente, foi vítima de um cerco policial. Houve uma refrega violenta e os estudantes responderam bravamente com pedras. Houve corrida da polícia atrás dos estudantes para prendê-los, e nessa refrega houve tiros por parte da polícia, o Edson Luís foi assassinado, e outros estudantes foram feridos na ocasião. Com a morte de Edson Luís, houve uma conflagração no país. O país foi repentinamente conflagrado, foi como se fosse um estopim que deflagrou toda uma reação em cadeia. No Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Pernambuco, no Ceará, no Amazonas, em Goiás e em Brasília. Como Goiás sempre teve uma extensão muito grande no movimento estudantil, nos movimentos políticos sociais a partir da década de 40, 50, aqui aconteceu de uma forma muito intensa a reação ao ocorrido no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro.

Logo após a morte de Edson Luís, houve uma série de assembleias no DCE, histórico DCE que ficava na Anhanguera com a Rua 3. O DCE era a sede das assembleias, das reuniões do movimento estudantil a nível universitário, mas também a nível secundarista.

Estávamos naquela ocasião com a presença do deputado, ironicamente, Marcio Moreira Alves, fazendo uma conferência. Foi quando nosso companheiro Euler Ivo vestindo a bandeira do Brasil recolheu um apoio em espécie, em dinheiro, para a organização do movimento. Era para a confecção de cartazes, piche para as pichações. Dali foi marcado uma passeata, se não me engano para o dia 1º de abril, partindo da Praça dos Bandeirantes.

Essa passeata foi toda monitorada pela repressão, foi toda fotografada, toda vigiada, mas a concentração foi muito grande. Foram cerca de 500 a 1.000 estudantes, não me lembro exatamente.

Na época, a Praça do Bandeirante viveu uma manhã efervescente, onde várias lideranças do movimento estudantil se manifestaram através de discurso, denunciando a ditadura,

denunciando o assassinato do estudante Edson Luís. Pretendia-se após o comício, sair em passeata. A praça estava lotada, buscávamos se não me engano, sairmos para a direita com relação a direção do Café Central, ou para a direção da Rua 8, não me lembro bem. Quando demos os primeiros passos, a Polícia Militar já estava tomando os quarteirões adjacentes àquela área e foi vivido um clima, quase que de goianaço, onde realmente houve um confronto violentíssimo da polícia com os estudantes, o que resultou na morte de um popular, ou de um estudante anônimo na época.

A repressão buscava as lideranças na rua. Aconteceram uma série de prisões. Toda a manhã e toda à tarde, o Centro ficou em um clima de conflagração e de uma expectativa violenta com relação ao destino das lideranças e das prisões que se sucederam. Isso permaneceu por mais um dia, e até um segundo dia depois havia uma concentração na porta da Catedral com a presença de Dom Fernando, que na ocasião estava solidário ao movimento.

Estavam presentes várias lideranças. Era uma concentração na porta da Catedral, que era ao lado da Faculdade de Direito, que também era palco de saídas de passeatas, também um centro de lideranças.

De repente houve um cerco da polícia na Catedral. Ficamos sem saída e a única alternativa foi entrarmos. Esse cerco foi muito violento. As portas da Catedral estavam quase se fechando, quando agentes da Polícia Civil, e isso sou testemunha desse evento na história, balearam nosso companheiro Telmo de Faria. Ele caiu no corredor da igreja. Eu estava na sua frente e fui um dos que deu socorro a ele. As portas da igreja foram fechadas, mas antes disso deram vários tiros, e um deles atingiu o pé da companheira Lucia Jaime. Lembro-me da companheira Lucia Jaime com o pé sangrando, com uma bala instalada em seu pé.

Foi um momento muito intenso da repressão. Era como se eles estivessem dispostos a alvejar e a matar as pessoas. Deram tiros meio a ermo, não conseguiram acertar em ninguém, mas poderiam ter acertado na cabeça de alguma pessoa. Vejam qual era o nível da repressão, atiraram para dentro da Igreja Católica, do átrio para o interior da igreja pra atingir os que estavam fugindo da repressão naquele momento. A polícia em número muito maior cercou a Catedral de Goiânia. Salvo me engano, isso aconteceu dois dias depois do dia 1º, foi no dia 2, ou dia 3 que isso ocorreu, em uma manhã.

A negociação para a saída da Catedral foi muito dramática.

Ficamos dentro da Catedral de 40 minutos a 1 hora, com um clima de muito pavor. No nível em que a repressão chegou, de atirarem para dentro da Catedral, atingirem alguns companheiros, não sabíamos o que poderia ocorrer a partir daquilo ali, qual seria o ânimo da repressão, e também não sabíamos como sairíamos dali com a Catedral toda cercada.

Não houve prisões, essas coisas que meio que se respeitam em nível de negociações. Acho que houve uma intervenção da Cúria em um nível mais alto talvez. Dom Fernando interveio e sua intervenção, creio eu hoje, foi o que possibilitou a saída dos estudantes em magotes de dez a dez, de forma que se dispersavam na rua.

Que eu me lembre não houve prisões.



Nossa família é uma família católica de classe média. Meu irmão mais velho, por exemplo, veio a militar na Ação Popular que tinha origem no catolicismo.

Sabemos que com o Papa João XXIII a Igreja Católica experimentou uma grande transformação de perspectivas. Era como se tivesse aberto as portas e janelas da igreja. Nessa abertura de portas e janelas, a igreja veio a se integrar e a vivenciar os movimentos sociais com mais intensidade, e isso provocou uma aliança natural de segmentos da igreja, de leigos e padres às causas da justiça social. Era a doutrina social da igreja.

Então, isso foi provocando um contágio em outras instâncias do Clero até atingir Bispos, e etc. Acho que é o caso de Dom Fernando. Eu não tinha muito conhecimento sobre ele, pois na época eu já não era mais católico, não era envolvido com movimentos da igreja, mas observando hoje, vejo que de certa forma ele foi sentindo aos poucos, de 1964 para 1968 a justiça das reivindicações sociais contra a ditadura que estava instalada no país.

Não me lembro da presença do padre Pereira. Como ele era da Igreja Católica, e acho que ligado a Catedral, pode ser que ele estivesse presente nesse dia especificamente. Nossa memória, apesar de termos vivido muito intensamente aquele dia, nos reserva às vezes só mais algumas pessoas pelas condições objetivas de coisas que foram vividas. Dom Fernando é uma marcante, porque me lembro inclusive de pessoas indo na direção dele, desesperadas, perguntando como seria a coisa, e ele naquele momento fazendo seu papel de padre, de acalmar as pessoas, levar uma palavra de tranquilidade, dizer que tudo ia dar certo, e que não haveriam maiores consequências.

Lembro-me do Telmo de Faria que foi baleado. Eu e o Félix me lembro muito do Félix, porque fomos os primeiros. Félix de um lado e eu de outro, nos bancos da igreja. Fomos os primeiros a pegá-lo e arrastá-lo para frente, mas acho que ele foi levado para algum lugar no interior da igreja e começou a ser cuidado. Ele viveu um caso especial, pois levou um tiro nas nádegas. Lúcia Jaime recebeu um tiro no pé e Telmo nas nádegas.

Tenho a impressão que o tiro dado contra a Catedral, que foi uma profanação do templo, ocorreu porque dois agentes da Polícia Civil tentaram a prisão dele na porta da Catedral e não conseguiram. Telmo era uma pessoa muito forte, muito corpulento e na sua fuga para o interior da Catedral, tenho a impressão que os agentes da Polícia Civil, que no caso não era PM, fomos também cercados pela PM, mas havia ali agentes tanto da polícia Civil, quanto do DOPS e da Polícia Federal. Tentaram a prisão de Telmo e não conseguiram. Acho que meio como um gesto de raiva, de desafeto, atiraram contra ele.

Sáímos por magotes, quase que num corredor polonês. Havia como que uma passagem pela presença da polícia. Naquele momento podiam estar fotografando, e eu acredito que sim, reconhecendo as pessoas que estavam presentes naquele ato. Dali as pessoas desciam pela Rua 19, Rua 18, mas já em liberdade. Creio que já não eram importunadas. Realmente dispersando, cada um para sua casa, que às vezes era ali perto.

O ano de 1968 é um ano especial não só para o Brasil, como também para toda América e todo o mundo.

À medida que o ano avançava, ia ocorrendo aquilo que houve em maio na França; os movimentos estudantis na França, com a proclamação daquelas frases utópicas, altamente

libertárias: “Debaixo do asfalto há praia”, “É proibido proibir”, entre outras frases libertárias da época, antiautoritárias. Os movimentos do México, alguns deles com muita repressão, com mortes, principalmente o movimento estudantil, ou da juventude.

Isso refletia aqui em Goiânia, talvez até por já vivermos uma época meio midiática, com a televisão, jornal do Rio e de São Paulo chegando diariamente na cidade, atualidades das revistas, noticiários no cinema. Talvez devido à soma de tudo isso, Goiânia vivia pulsando junto com toda essa efervescência, essa vida que brotou no ano de 1968, em todos os locais e em todos os níveis.

Tivemos no Brasil salvo me engano, em maio também, no Rio de Janeiro após uma série de repressões muito violentas, houve o cerco de uma Faculdade, salvo me engano, de Medicina. Tivemos a passeata dos Cem Mil, que tornou-se um marco e uma referência histórica no Brasil. Tudo isso ia embalando, ia alimentando o fogo, ia esquentando o clima das ações de comícios relâmpago, de greves, de passeatas, de manifestações contra a ditadura no ano de 1968 aqui em Goiânia. Foram essas marchas, essas jornadas do início de abril, que foram muito importantes e abriram o ano de 1968 aqui. Ela voltou a ocorrer em maio, em junho, em agosto também houve jornadas em todo o Brasil e tudo foi indo até a desastrada prisão no Congresso da UNE em Ibiúna, também em 1968.

Lembro-me que nessa ocasião tive a oportunidade de ir a um congresso da UBES em São Paulo, em Guaratinguetá, onde tivemos uma participação. Na volta me lembro que houve manifestações na filosofia da Maria Antônia, e eu saí de lá um pouco antes da famosa guerra que houve, do Mackenzie com a Maria Antônia. Alguns dos nossos companheiros estavam presentes. A Maria do Socorro veio com o pé todo enfaixado por ter recebido garrafas de ácido sulfúrico próximo aos pés, e outros companheiros de Goiás também foram feridos na guerra da Maria Antônia, em São Paulo.

Nessa ocasião ficou bem configurada a batalha da Maria Antônia, porque era o um pouco do que existia de vivo, de expressivo, da direita no movimento estudantil representada pelo Mackenzie em São Paulo, contra os segmentos avançados da filosofia da Maria Antônia. Inclusive na época, tive oportunidade curiosamente de conhecer de vista o líder na época e já famoso em todo o Brasil, José Dirceu.

O movimento estudantil universitário no Brasil pontuando tinham quatro grandes lideranças: Vladimir Palmeira, José Dirceu, Luiz Travassos e Franklin Martins, que hoje é Ministro das Comunicações.

Eu estava sendo monitorado e na iminência de ser preso, vamos assim dizer, de preferência em um momento de flagrante, usando uma linguagem policial. Eu sentia que eu era um alvo, mas contávamos também com certa esperteza, que nem o Chaves. Era bom nas corridas, nas fugas, havia os esquemas de saída. Havia um cuidado que se tomava nas ruas, apesar da cidade ser pequena e darmos de cara com a repressão toda hora. Até julho quando aconteceu à ocasião da TFP, como contei anteriormente, eu não havia sido preso nenhuma vez.

A TFP é um segmento medieval oligárquico da direita católica, que através do Plínio Correia, reverencia brasões em uma conduta super disciplinada, meio jesuítica. Eles têm uma estrutura quase que militar de disciplina. Não conheço muito de TFP, mas eles atuavam sempre de terno e gravata, muito bem vestidos, cabelos curtos, uma caretice total. Sempre pegando

assinaturas contra padres subversivos, combatendo o divórcio e as tendências mais liberais da sociedade. Sendo contra o comunismo e tendo isso como iniciativa principal da sua atuação.

## **PRISÃO**

Em 1968 se deu minha primeira prisão. Eu ainda não tinha dezoito anos, tinha dezessete.

Fui preso em função de uma coisa até boba, com relação ao montante de movimentos e eventos importantes que houveram em 1968. Foi devido a uma assinatura da TFP na Praça dos Bandeirantes, pedindo a expulsão do Padre Joseph Comblin, que atuava salvo me engano, em Alagoas, em Pernambuco, fazendo um trabalho junto aos camponeses. Era considerado um padre comunista, de esquerda.

Estavam colhendo assinaturas para a expulsão do Padre Joseph Comblin, e nos manifestamos. Houve como que uma discussão com o pessoal da TFP, que se desdobrou com uma manifestação de rua praticamente, e de repente a presença da Polícia Federal e nessa ocasião fomos presos, quase que em flagrante, logo após um comício relâmpago.

Fui preso, e na prisão o agente, que não me lembro bem o nome, que depois veio ser Agente de Repressão ao Tóxico, famoso aqui em Goiânia. Estávamos na Polícia Federal e lá estavam dois delegados que ficaram bastante conhecidos pela sanha repressiva, pelas torturas e tudo mais, que foram o Jesus e o Xavier Bonfim.

Nessa prisão fiquei por dois dias. Houve uma ação que resultou em sucesso na justiça para que me tirassem, pois eu era de menor. Quem comandou essa ação foi alguém ligado a minha família; acho que partiu da minha mãe, ou de algum dos meus irmãos.

O próprio movimento estudantil, vamos dizer assim, as táticas de passeatas foram entrando um pequeno desgaste, porque sabemos que tudo que vai se repetindo, a fórmula vai se desgastando. A repressão muito intensa, em vários níveis, de forma que depois do discurso do Marcio Moreira Alves, do processo, e de todo esse encadeamento de eventos do país, fez com que naturalmente a coisa se desembocasse no Ato Institucional nº5, com a linha dura forçando a barra e baixando aquela série de medidas que realmente caracterizavam a ditadura como uma ditadura.

Cerceava plenamente a liberdade democrática, todas as garantias e todos os direitos. Uma corrupção total dentro da lei, vamos assim dizer.

## **AI 5**

Acho que o Golpe Militar de 64 não tinha acabado sua formatação, e essa formatação final veio com o AI 5.

O golpe veio com esse disfarce, de que rapidamente retornaria ao veio da democracia novamente. Mas o que vimos foi que à medida que o movimento estudantil, o surgimento de algumas ações da luta armada, os movimentos de greve, movimentos dentro do mundo

artístico, do jornalismo também, e enfim o pronunciamento do deputado Marcio Moreira Alves, que pode se ver até como uma peça artística. O que ele falou naquele discurso? Dizia para as moças do Brasil não darem muita bola para os soldados, porque os soldados estavam reprimindo os estudantes, estavam invadindo a Universidade de Brasília. Foi exatamente por ocasião da Universidade de Brasília que o Deputado Marcio Moreira Alves fez aquele célebre discurso que desembocou no AI 5. A desculpa para o AI 5 foi a cassação de Marcio Moreira Alves, que não ocorreu, porque o Congresso não aprovou. Então, um dia depois eles editaram o AI 5. Então, acho que a chamada linha dura já vinha impondo sua visão dentro do esquema do golpe de 1964, e a resultante disso foi o Ato Institucional nº5, que realmente fez descer sobre todo o país as cortinas escuras, as coisas realmente ficaram fechadas, nuvens sombrias rondando a vida de todos os militantes e de todos os cidadãos democratas do Brasil.

Foi uma resultante que a meu ver foi natural. Não que haveria possibilidade de outra coisa, não, não haveria possibilidade de outra coisa. Realmente a ação desses segmentos que resistiam à ditadura, foi uma ação muito dramática, pois foi caminhando para um ápice sem saída, que resultou em perseguições, em mortes, em torturas e desaparecimentos. Em todos os segmentos, no mundo artístico, no mundo jornalístico também ocorreram. Tudo isso nos anos posteriores a 1968, que foram os chamados “anos de chumbo” da ditadura.

No ano de 1969, que houve o surgimento da luta armada que foi um componente que atiçou os ânimos da repressão, que se tornou ainda mais feroz, torturando, matando, desaparecendo. No final de 1968, depois do AI 5, inclusive acho que até contaminado por projetos de natureza mais interna, mais geográfica, mais do meu lado aventureiro, projetei uma viagem para o Amazonas. Era um sonho de infância e adolescência. Fomos eu e o companheiro Rui, que também era o movimento estudantil. Fomos ao Amazonas, passamos lá uns três meses. Fomos de carona, de barco e depois voltamos pelo Nordeste. Voltei a visitar minha terra natal, Recife. Já fazia quase dez anos que não ia até lá.

Voltei para Goiânia beirando março de 1969, e quando aqui cheguei senti que a configuração do engajamento dos companheiros politicamente já estavam em outro contexto, em outro nível, que era um contexto mais próximo da luta armada, da opção pela luta armada.

Alguns companheiros do movimento estudantil como, Alan Kardec, Francisco Sapienza, Dom Arnolfo, mais esse segmento que inclusive era ligado a Ação Popular. Foi um segmento que optou pela luta armada, se engajou em alguns grupos de guerrilha urbana, como foi o caso da Var-Palmares, a ALN, a VPR e etc.

Nessa época existencialmente depois da viagem a Amazônia, depois de todo o processo de 68, curiosamente eu vivia - sem querer tirar da reta - um momento pessoal especial de busca de um aperfeiçoamento intelectual, queria estudar algumas coisas. Digo isso porque fui muito tentado a aderir à luta armada, e na verdade eu nunca aderi à luta armada. Era uma perspectiva também, pois eu tinha algumas posições críticas em relação a ela; ao amadurecimento, as consequências, e talvez até como reflexo da minha própria natureza já mais pacifista e também influenciado pelas ideias de conquistas pacíficas dentro do processo político.

Afetivamente eu era muito ligado a pessoas que estavam dentro do movimento da resistência armada, de maneira que em 69, eu ajudei em um nível de simpatizante, em alguns contatos, em algumas micro tarefas, de ajuda aqui, ajuda ali, um ou outro companheiro do movimento

de resistência armada, mas sem estar engajado organicamente, sem pertencer a nenhuma das organizações, nenhum dos partidos.

No dia 6 de setembro de 1969, levei um companheiro para fazer contato com outro companheiro nosso, funcionário do Lyceu, Sr. Leonel que era muito politizado apesar de ser uma pessoa muito simples. Nessa noite chegou seu primo que era da repressão, que já era PM e tivemos que fazer um fuga em ritmo de “rififi”, uma coisa super rápida. Estávamos na casa do Leonel, hoje no Setor Novo Horizonte, próximo a Vila União.

O muro era vazado pelo fundo, tinha um cerrado e nos enfiámos na escuridão. Era de noite.

Infelizmente não pudemos evitar a prisão do companheiro Leonel, que foi preso pelo próprio primo. Para dar conta de onde estávamos, digo até com muito pesar e muita dor, ele sofreu bastante. Ele e posteriormente a companheira dele. Ele teve uma longa prisão, viemos saber depois.

Dá já não pude mais voltar para casa. Era 8 setembro de 1969, me escondi na casa de uma pessoa amiga e depois fui conduzido a casa de um juiz de direito em uma cidade do interior, doutor Moreira Marques, que era amigo do meu pai, de maçonaria, de rádio amador. Essa foi a solução encontrada naquela ocasião.

Isso se deu nos dias do sequestro de Charles Elbrick, o Embaixador dos Estados Unidos. Logo depois, pela primeira vez foi promulgada a pena de morte no Brasil.

Um mês após ficar refugiado em uma casa no interior, quietinho, dentro de um quarto, de uma sala, sem dar a cara na rua, a própria família montou um esquema de fuga. Uma fuga simples, de avião para o Pernambuco.

Eu não estava ligado a nenhuma organização política, mas estava sendo perseguido, procurado pela polícia, e fui para o Pernambuco. Esse período de vivência em Pernambuco foi um período muito difícil, muito doloroso. Eu estava noivo de uma companheira, tinha uma perspectiva de casamento. Ela foi me visitar, queríamos ficar juntos.

Nessa ocasião minha irmã se casou, minha família deu um desintegrada com a separação dos meus pais, outro irmão também se casou, outra irmã estava estudando medicina fora, e outro já tinha voltado para Recife. Enfim, estávamos em um processo de desintegração da unidade do bloco familiar.

Fiquei em Recife vivendo escondido, dentro da casa da família, mas praticamente escondido, refugiado. Sabia que existia uma ordem de prisão contra mim em Goiânia.

Em Recife não estava muito bom em termos de trabalho, de sobrevivência. Recebi um convite do meu cunhado e minha irmã, para ficar junto deles em Salvador e tentar trabalho e uma nova vida lá. Minha irmã achou muito bom, pois seria uma companhia. Nós tínhamos muitas coisas em comum no campo da cultura, da arte, da vivência. Era uma companheira nesse sentido também.

Fiquei com eles, foi quando houve a visita de um companheiro nosso que havia saído da prisão e se dirigiu ironicamente para a Bahia, o Jackson. Ele estava morando conosco, em um bairro muito simples, que era meio uma favela, no Itororó, Cosme de Farias.

Minha noiva, que estávamos para nos casar a qualquer momento, também era perseguida e monitorada em Goiânia. Ela pegou um avião para dirigir-se a Salvador e nesse avião foi acompanhada por um agente da Polícia Federal, e desde que nos encontramos no aeroporto, até dois dias depois, quando todos nós fomos presos, estávamos sendo vigiados, monitorados. Nossa casa foi toda cercada, os horários monitorados e todos foram presos no dia 3 de abril de 1970.

## **SEGUNDA PRISÃO**

Fomos presos na Bahia e depois recambiados para Goiás. Ficamos cinco dias na Bahia, depois trazidos para Goiás.

Foi aqui que foi minha prisão de 1970. Eu divido essa ligação com a organização Var - Palmares. Fiquei de molho, a bem da verdade não fui molestado fisicamente, não fui torturado no sentido da bordoadada, choque, a não ser o molestamento da prisão. Fiquei por um período na solitária, sozinho. Fiquei por uns vinte, trinta dias em uma solitária, que curiosamente era uma grande cela, não era uma cela pequena. Uma solitária de cela grande no quartel do 10º BC. Depois dessa cela, fui sendo incorporado a outras pessoas e nessa ficamos de molho. Prestei depoimento formal uns vinte dias após a prisão. Fiquei lá por cinco meses e onze dias, mantido preso, mas não fui torturado.

Testemunhei a chegada de vários companheiros após a tortura. Companheiros e pessoas que passei a conhecer lá dentro, que não eram companheiros, mas comigo mesmo, não houve tortura. No sentido clássico da tortura, da pessoa apanhar, receber pancadas, telefone, choque elétrico, enfim, todas essas barbaridades.

Foi feito um processo, fui julgado pela Justiça Militar praticamente um ano depois, e fui condenado a seis meses de prisão. Depois disso, logo após sair da prisão, já não era ligado organicamente a nenhuma organização. Já saí da prisão com traumas de ter acontecido todas essas coisas na minha vida. A prisão em si já é uma tortura. É uma coisa muito triste o cerceamento da liberdade, é algo que eu não desejaria para ninguém. Dentro daquelas circunstâncias bem sombrias que eram as circunstâncias do golpe, não era apenas a minha prisão e de outros companheiros. Companheiros que foram tirados e voltaram à cela após receberam choques. Vi várias pessoas serem conduzidas com capuz, que era uma forma meio secreta deles atuarem. Vivíamos as piores expectativas, era um clima de terror. Eu vivi um período de muito desconforto, de muita ansiedade e de muita tristeza também. Foi um período doloroso estar preso. Só quem experimentou sabe como é triste, como é duro.

Por um lado posso dizer que fui um felizardo, da perspectiva de companheiros que sofreram bastante o horror da tortura física, além da tortura moral e espiritual. Eu fui mais torturado ao nível do espírito, da psique, não fisicamente. Saio e caio como que em um regime quase que existencial de simplesmente viver, e dentro desse viver nós tínhamos simpatia pela causa hippie, pela contra cultura.

Era difícil a perspectiva de viver pois um componente juvenil de rebelião dificultava o enquadramento em um trabalho dentro do sistema; trabalhar oito horas, de terno e gravata, ou até mesmo como comecei a fazer, a universidade direitinho. Estudar quatro anos, se formar, pegar o canudo. Aquilo que seria a opção mais natural. Mas o que aconteceu é que caímos na estrada, descobrimos a experimentação de algumas drogas como a marijuana, o LSD. A descoberta do Rock and Roll como um elemento revolucionário até, dentro do contexto cultural como música, eventos. Tinha havido o Woodstock, o movimento hippie, e então nós ficamos underground. Underground era uma página do Luiz Carlos Maciel no Pasquim na época, que ironicamente eu lia na prisão e gostava muito. O papo do Maciel era um refresco dentro da prisão.

Quando saí, saí muito inclinado a levar em consideração isso que também estava surgindo na cultura brasileira. Você via nessa época muita gente nas estradas, o fenômeno do hippie, as feiras de artesanatos. Uma forma de fazer cultura um pouco como protesto, fazendo coisas loucas, contra culturais.

Meu noivado, meu casamento não deram certo. Rompi com minha noiva, o que talvez o que tenha me levado mais ainda para essa faixa autônoma, essa faixa de experimentação de dimensão que na sociedade era marginalizada, e por isso mesmo ela tinha certo valor até político. Era uma forma de continuar a militância, mas incorporando existencialmente um determinado tipo de vivência.

Isso também tinha seu preço, seu desgaste. Foram muitos anos de estrada, de BRs, como dizíamos, éramos 'BRzeiros'. Era subindo e descendo o Brasil pelas estradas, participando de grandes festivais que havia naquela época.

Porém, aqui em Goiânia três companheiros de muita vivência da época do movimento estudantil - os líderes de 1967, 1968 e até mesmo início de 1969 - que estavam presos, juntos de um que conheci na prisão e que depois voltou ao Rio de Janeiro, foram tentados pelo canto da sereia, da promessa de liberdade e de reconhecimento que fazendo esse papel de certa forma estaria até, e como era interpretado por alguns, cumprindo um papel positivo. Porque realmente acreditava-se que o movimento não tinha perspectiva, que as coisas já estavam em processo de deblaque, de derrocada final. Isso foi no ano de 1970, enquanto eu ainda estava preso.

Havia a promessa, que foi cumprida inclusive, da liberdade individual. Foi uma troca. Não foi de graça. O que para muitos passa a ser até pior, mais visto de outra perspectiva, isenta, ou ameniza em muitos aspectos. Eu não julgo, e hoje continuo a ser amigo de todos eles. Não amigos de convivência, porque estou muito afastado, quase que em um novo exílio. Há 25 anos fui para a cidade de Alto Paraíso e é um refúgio, um lugar onde sou pouco visitado, mas volto a Goiânia sempre. Desses amigos, raramente me encontro com algum deles, mas quando encontro trato humanamente bem.

Sentia um desconforto na época, não nego. Senti que foi uma forçação de barra, mas também não julgo com tanta severidade, porque acho que não foi algo, por exemplo, que implicou em outras quedas, não implicou no desbaratamento final do movimento. Foi uma válvula de escape, talvez não muito legítima, usada por esses companheiros para aliviarem suas situações.

Aconteceu em várias partes do Brasil, mas não foi um número muito grande. Devem ter sido no máximo umas 15 pessoas que fizeram isso no Brasil. Esse expediente foi um expediente usado. General Bandejas, fiquei sabendo depois, foi o que fez a cabeça desses meninos para que eles renegassem a luta armada, e dissessem que bom era o projeto Rondon, e eles aceitaram.

Esse pessoal era mais ligado às ações da guerrilha urbana. A Guerrilha do Araguaia era uma guerrilha ligada ao PC do B. Foi uma guerrilha que não acompanhei o processo por dentro, pois não militava no PC do B na época, mas pelo que lemos hoje, era uma guerrilha que vinha se instalando silenciosamente. Ela ainda não tinha um painel de eventos, de ações que já a fizesse reconhecida no Brasil.

Acho que quando os meninos foram à televisão fazerem isso, digo meninos porque olhando pela perspectiva de hoje eram praticamente meninos, apesar da responsabilidade, pois já eram conscientes, acho que não tinha nada haver com Guerrilha do Araguaia, era mais relacionada à guerrilha urbana e aqueles que estavam querendo entrar. Àqueles que estavam no linear do engajamento, ou aqueles que estavam no linear do desengajamento. Acho que foi feito mais nessa direção, e um pouco também para desmoralizar. Teve o caráter de desmoralizar não só à esquerda, mas principalmente a opção da luta armada.

O discurso tinha um endereço, era abaixar as armas e partir para projetos do tipo Rondon Brasil. O que não seria uma má coisa, vindo da perspectiva de hoje.

## **O EXÍLIO**

O desconforto era muito grande de 1970 em diante. Mesmo optando por uma vivência underground, sentíamos como se a sombra do que estava acontecendo no nível político, estivesse sobre a nossa pessoa. Não nos sentíamos totalmente seguros, ou livres, de forma que uma das perspectivas que se abriu foi o exílio e tivemos a oportunidade de vermos vários companheiros buscando esse caminho. Alguns com sucesso, alguns indo ao Chile e não tendo sucesso, pois foram presos e sofreram o pão que o Diabo amassou. Alguns torturados, com ameaça de morte, alguns até morreram, mas outros conseguiram sair do Chile antes. Houve todo tipo de situação.

O exílio na época era o Chile. Realmente pensávamos no Chile, pois o Chile ironicamente a partir de 1970 vivia a experiência de Salvador Allende, da alternativa pacífica para o socialismo. A terceira via de Salvador Allende. Então, se vivia um clima muito efervescente no Chile nos anos de 1971, 1972.

O Chile era o abrigo de vários exilados da América do Sul naquela ocasião. Aqui de Goiânia vários se dirigiram para o Chile. Namorávamos aquela perspectiva no sentido de se ter um respaldo legal, com documentos. Eu estava naquele ânimo geográfico de talvez só passar pelo Chile, não de ficar no Chile. Então eu pensava no passaporte, e abri uma estratégia pessoal para tirá-lo que foi me dirigir à Recife, porque sabia que aqui em Goiânia seria impossível tirar o passaporte. Lá encaminhei todos os meus documentos, mas o passaporte não saía nunca. Como fui julgado e condenado a seis meses de prisão, e na verdade estive preso por cinco meses e onze dias, foi expedido pela Polícia Federal a ordem de prisão do restante da



pena que eu ainda não havia cumprido. Era como se fosse uma picuinha realmente, de forma que fui preso.

A polícia esteve em casa, e quando fiquei sabendo não resisti a prisão, e me apresentei a polícia para saber o que estava havendo. Disseram que eu tinha que cumprir a pena e me colocaram na casa de detenção junto a militantes de alta importância no contexto do Nordeste. Estavam Carlos Alberto, que participou de refrega com a polícia, onde morreram pessoas em assaltos a caixa forte de empresas no Nordeste; Rolim dos Santos Cavalcante, e outros que na época eram bastante famosos. Eles fizeram depois várias greves de fome, eu acompanhava com muito carinho pelo jornal, pois havia sido companheiro deles na prisão por 19 dias. Lá tive uma experiência de um coletivo muito original para minha formação goiana, porque eu tinha uma formação política em Goiânia. Os companheiros do nosso universo eram companheiros daqui de Goiás. Lá me vi dentro de uma prisão com pessoas que tinham vivência com coisas do Nordeste, com a militância política no Nordeste. Todos já cumprindo pena, alguns até com prisão perpétua. De forma que foi muito enriquecedor, muito interessante. Na ocasião havia livros muito bons dentro da prisão, tínhamos uma vivência coletiva, fazíamos comida, cada um cumpria uma tarefa.

No dia em que saí da prisão, senti que os laços afetivos tinham sido muito aprofundados. Realmente me trataram com muito carinho. Acho que faziam isso com todo mundo, e fizeram comigo, um momento muito emocionante e que nunca me esqueço na Casa de Detenção, em Pernambuco: descendo as escadas, todos foram até a porta e deram uma salva de palmas. Foi muito bonito. Foi uma passagem muito bonita na minha vida.

Todos aqueles comunistas gloriosos do Nordeste, bravos combatentes, pessoas da mais alta estirpe intelectual, moral. Apesar de minha prisão ser passageira, ali gostaram de mim também, e foi uma coisa muito bonita. Ficou como se fosse uma coisa assim: os camaradas se reconhecem rapidamente. Foi um momento muito emocionante.